



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ISABELA FERNANDES PRADO DIAS

O CONCEITO DE SUPEREU NA OBRA FREUDIANA

RIO DE JANEIRO

2022

ISABELA FERNANDES PRADO DIAS

O CONCEITO DE SUPEREU NA OBRA FREUDIANA

Trabalho de conclusão de curso do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel e formação em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Fernanda Costa Moura

RIO DE JANEIRO

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

ISABELA FERNANDES PRADO DIAS

O CONCEITO DE SUPEREU NA OBRA FREUDIANA

Monografia apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira (Orientadora) - UFRJ

Profa. Dra. Fernanda Costa Moura (Coorientadora) – UFRJ

Prof. Dr. ...- UFRJ

RIO DE JANEIRO

2022

Dedico este trabalho aos meus futuros pacientes.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, *Ronaldo Prado (in memoriam)* e *Maria Emília de Castro Fernandes Prado* por toda sua dedicação e investimentos, oferecendo sempre o seu melhor a minha formação como sujeito e como profissional.

Ao meu avô *Joaquim Fernandes Novo* assim como minhas avós *Yolanda Prado* e *Ruth de Castro Fernandes* quero honrar a transmissão oferecida que me possibilita encontrar meus desejos.

Ao meu marido e companheiro, *Guilherme Souza Dias*, que com seu amor e companhia permite que os desafios se tornem mais leves e as conquistas mais saborosas.

Aos meus sogros, *Rubens Dias* e *Maria Helena Souza Dias* pelo respeito e pelo carinho.

À *Julia Dias* que com sua alegria e entusiasmo realçam os meus dias.

Agradeço aos meus tios *Antônio Carlos* e *Maurício* e minhas tias *Maria*, *Regina*, *Maria Christina*, *Maria Cecília*, *Mônica* e *Lídia* que em muitos momentos me oferecem amparo e cuidado.

Ao meu irmão, *Felipe Fernandes Prado*, que testemunhou os meus passos desde o início.

Às minhas orientadoras, a Profa. *Fernanda Costa Moura*, e em especial, a Profa. *Flavia Lana* que conduziu este trabalho de forma precisa e inspiradora.

Às minhas terapeutas-analistas, *Kelly Lemos* e *Juliana Bezerra*, por me ensinarem a construir *um novo olhar* sobre mim mesma e sobre o mundo.

Às contribuições importantes das psicanalistas *Ana Lila Lejarraga*, *Sabine Cavalcante* e *Maria da Conceição Fernandes* e *Fernanda Pacheco*.

Às afetuosas parcerias, de risos e de lágrimas, também nos encontros calorosos de Vinho & Cultura no Symposium, que sem eles o percurso seria ainda mais árido nesta pandemia, *Letícia Rolim*, *Beth Oliva*, *Flávia Portela*, *Anamaria Pereira*, *Fernanda Pinheiro*, *Aparecida* e *Patrícia Terrigno*, *Carla Riquet*, *Cristiane Trotter*, *Daniela*

Waineraich, Gabriela Oliveira, Tatiana Costa, Thaís Marques, Cristiana Fumagalli, Pernille Madsen, José Hodara, José Geraldo, Sabine Cavalcante, Janine, Carla, Carla Buck, Therezinha, Álvaro, Jandyr Travassos, Elvira e Dumirh Bou-Habib.

Aos meus dedicados amigos de faculdade pelo apoio, pela presença e pelas trocas durante essa jornada de graduação no IP-UFRJ, *Louise, Lucas Letícia, Mayara, Maryssol, André, Ana Clara, Amanda, Alan, Bia, Bruna, Ju Veras, Julia, Denise, Marcia, Max, Caíque, Fernanda, Nathália, Pedro, Gabriel, Pamela e João Gabriel.*

Por fim, quero agradecer a todos os professores e funcionários do *Instituto de Psicologia da UFRJ* que propiciam a manutenção do ensino de excelência na instituição pública ainda que se confrontem com os diversos obstáculos para executarem sua valorosa tarefa.

“- Porque eu mesmo não pude aguentar mais e vim desabafar com outrem, dizendo-lhe:
‘Sofre tu também, porque, assim, tudo se tornará mais leve para mim’ (...).
Então, não me abandonarás?
- Aqui estou.”

Dostoiévski – Crime e Castigo

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo trazer mais clareza sobre os processos que configuram a experiência do sofrimento psíquico e sua dimensão pulsional a partir da instância do supereu, tal como formulado na obra freudiana. Uma forma mais arcaica desta instância psíquica se manifesta pela força da pulsão que leva a uma satisfação submetida à busca intensa do excesso, nas diversas formas de consumo, seja de álcool, drogas, comida, sexo, jogos, experiências-limite. Aparentemente, nenhuma delas responde à função de *um ideal do eu*, que é capaz de reorganizar a dimensão superegoica, mas se encontram inseridas na condição peculiar da *compulsão à repetição*.

ABSTRACT

The present study aims to better clarify the processes that configure the experience of psychic suffering and its instinctual dimension from the instance of the superego, as formulated in the Freudian work. A more archaic form of this psychic instance is manifested by the force of the drive that leads to a satisfaction submitted to the intense search for the excess, in various forms of consumption, whether it's alcohol, drugs, food, sex, games, limit-experiences. Apparently, none of them responds to the function of an ego ideal, which is capable of reorganizing the superegoic dimension, but is inserted in the peculiar condition of *repetition compulsion*.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| CAPÍTULO 1..... | 13 |
| 1 RETOMADA DO CONCEITO DE PULSÃO, COMPULSÃO À REPETIÇÃO E PULSÃO DE MORTE | |
| 1.1 Haveria algo <i>Além do Princípio do Prazer?</i> | |
| CAPÍTULO 2..... | 21 |
| 2. SUPEREU PÓS EDÍPICO E IDEAL DO EU | |
| 2.1 Identificação de uma “instância psíquica especial” e o Imperativo Categórico | |
| 2.2 Mal-Estar, Sentimento de Culpa Inconsciente e Consciência Moral | |
| CAPÍTULO 3..... | 33 |
| 3. SUPEREU ARCAICO | |
| 3.1 Gênese do Supereu Arcaico pelo Paradigma da Melancolia | |
| 3.2 Aspectos do Supereu Arcaico | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 40 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 43 |

INTRODUÇÃO

"Aplicando a nova técnica restará muito pouco, com frequência nada, daquele transcurso agradavelmente suave. Também surgem casos que até certo ponto se comportam como na técnica hipnótica e somente depois divergem; outros agem diferentemente desde o princípio. Se nos detemos nesse último tipo para caracterizar a diferença, é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz. "

FREUD, 1914 – *Recordar, Repetir e Elaborar*

No início do estágio em Clínica Psicanalítica no Departamento de Psicologia Aplicada do Instituto de Psicologia da UFRJ, me deparei com a angústia de assumir casos considerados difíceis pela abordagem psicanalítica por não se tratar das organizações mais clássicas dessa linha teórica como é o caso das neuroses narcísicas. Eu estava diante de quadros onde a compulsão à repetição era algo pungente e inexorável, isto é, me vi diante do conceito no *real* da própria *pulsão de morte* personificada em atos cujo o bem-estar não era o objetivo. Desse modo, meus maiores questionamentos eram: como viabilizar um dispositivo que desse conta dos fenômenos que se apresentavam? Como disponibilizar meios que facilitassem uma barragem desta moção pulsional? Como possibilitar um redirecionamento da energia pulsional no paciente para as questões de preservação e dos prazeres da vida?

Tal angústia foi abrandando no decorrer do estágio enquanto que as questões, ao invés de se desvanecer - nem sei se um dia serão - ao contrário, foram se tornando um guia do meu fazer clínico, em virtude de um maior investimento no aprofundamento do conhecimento da psicanálise. Então este, aliado ao enorme incentivo durante a supervisão oferecido pela profa. Ana Lila Lejarraga (UFRJ) e pelas esclarecedoras aulas proferidas pela profa. Flávia Lana (UFRJ) nas diversas disciplinas intituladas por Teorias Psicanalíticas, que contornavam os clássicos textos freudianos no IP, além do grupo de iniciação científica, me proporcionaram um certo alento, ao mesmo tempo em que se tornaram uma verdadeira bússola que passei a utilizar nos meus casos clínicos.

Diante disso, o interesse pela pesquisa sobre os mecanismos que atuam mais preponderantemente nas passagens ao ato ou no *acting out* como representações da energia de tãatos me instigaram na investigação sobre o conceito freudiano de supereu e, sobretudo do supereu *arcaico*, o que acabou culminando no presente estudo.

Sendo assim, esta monografia, que está dividida em três capítulos, foi desenvolvida com o objetivo de fazer uma revisão bibliográfica cujo o foco principal é o conceito de supereu a partir do que é encontrado ao longo de grande parte dos textos freudianos que abrangem tal fundamento.

O conceito de supereu vai se definindo dentro da obra freudiana como uma peça de quebra cabeça que faltava para que o cenário do aparelho psíquico fosse suficientemente elucidado. Deste modo, utilizei como ponto de partida para esta pesquisa, no primeiro capítulo, a contextualização do surgimento do conceito da pulsão de morte inserido historicamente na obra freudiana tendo em vista as duas teorias pulsionais dualistas. Já no segundo capítulo o direcionamento foi conferido a construção do conceito de supereu propriamente dito, além do seu estabelecimento dentro da teoria. Enquanto que o terceiro capítulo foi dedicado a pesquisa para situar, nos textos freudianos, prenúncios do que posteriormente passou-se a ser reconhecido como supereu arcaico e sua vinculação com a pulsão de morte.

Diante disso, a expectativa referente a este estudo foi o de trazer mais clareza – limitando-me sobretudo aos conhecimentos compatíveis com este período de finalização de graduação – sobre o cenário anímico, a partir do viés da economia pulsional, em que se configuram a experiência do sofrimento psíquico manifestado pela força que evoca uma satisfação submetida à busca intensa do excesso, nas diversas formas de consumo, seja de álcool, drogas, comida, sexo, jogos, experiências-limite, que aparentemente, não respondem em função de *um ideal do eu*, mas se encontram inseridas na condição peculiar da *compulsão à repetição*.

CAPÍTULO 1

"Mas o fato novo e digno de nota, que agora temos que descrever, é que a compulsão à repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações."

FREUD, 1920 – *Além do Princípio do Prazer*

1. RETOMADA DO CONCEITO DE PULSÃO, COMPULSÃO À REPETIÇÃO E PULSÃO DE MORTE

Para dar início a essa reflexão e contextualizar a gênese do supereu, cabe ressaltar a importância de mencionar alguns conceitos da teoria freudiana como, por exemplo, o conceito de *pulsão*, presente desde os primórdios da psicanálise:

...nos aparece a “pulsão” como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal (FREUD, 2010d, p. 72).

Segundo Freud, é possível observar “alguns termos” para melhor assimilar o conceito de pulsão, que seriam: *fonte*, *pressão*, *meta* e *objeto*.

Em primeiro lugar, no início de sua teoria, Freud entende que os circuitos de satisfação pulsional se estabelecem por apoio em uma função somática de natureza vital. Deste modo, no momento em que o recém-nascido necessita se alimentar e em face de seu desamparo fundamental, necessita que a mãe assuma a posição de oferecer-lhe o seio materno, com a finalidade de amamentação. Essa ação acaba produzindo o surgimento de estímulos internos adicionais que diferem do estímulo da fome e de seu objeto específico, o seio, estabelecendo-se desta forma, o que Freud denominou de pulsão. A pulsão, portanto, tem relação com esse laço entre a referência materna e o bebê, já que ele não se reduz à satisfação das necessidades e gera outros tipos de urgência, renunciando um modalidade de laço nos níveis do amor e do desejo.

Uma segunda característica da pulsão seria o aspecto de “seu fator motor” (FREUD, 2010d, p. 72), ou seja, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela evoca impelindo o organismo para uma ação a fim de eliminar a tensão existente e propiciar a sensação de prazer. Ou seja, os efeitos da palavra e da dedicação

sobre a criança a levam a uma elaboração psíquica do que se passa a nível do corpo neste trânsito libidinal durante a sua dependência infantil.

Seguindo nessa mesma linha de pensamento, o terceiro termo da pulsão esclarecido em *A Pulsão e seus Destinos*, de 1915, se representaria por sua meta, expressa pela satisfação resultante da redução da tensão psíquica, acima mencionada, proveniente da pressão.

Ainda neste texto, Freud pontuou o quarto termo que se refere ao objeto da pulsão, através do qual este alcançaria sua meta. O aspecto característico deste termo seria o de que este é o que há de mais variável na pulsão; não existindo, portanto, um objeto vinculado a ela que lhe atribuisse a satisfação. Este, talvez seja o atributo de maior diferenciação em relação ao instinto que está presente nos demais mamíferos.

Adicionado a isso, Freud relembra sobre a possibilidade de entrecruzamento pulsional descrito por Alfred Adler, onde haveria uma ligação mais definida entre a pulsão e o objeto ressaltando uma relação de *fixação*. Deste modo, esta ocorreria em períodos remotos do desenvolvimento pulsional extinguindo a mobilidade da pulsão (FREUD, 2010d).

Marcando ainda mais essa diferença, entre o instinto dos mamíferos e a pulsão presente nos seres humanos, Freud faz uma outra distinção e propõe uma primeira teoria pulsional dualista baseada na *pulsão de autoconservação ou pulsões do Ego*, que teria uma ação específica a fim de diminuir a tensão relacionada a excitação proveniente de uma necessidade; em contrapartida, a *pulsão sexual* que teria pouca especificidade por ser amparada e guiada por fantasias (GARCIA-ROZA, 1985). Assim, nas palavras de Freud: “Sugeri diferenciar dois grupos de tais pulsões primordiais: as *pulsões do Eu*, ou de *autopreservação*, e as pulsões sexuais” (FREUD, 2010d, p. 76).

Portanto, esse dualismo e o conflito entre essas duas pulsões passa a constituir o cenário fundamental do aparelho psíquico, ou seja, as pulsões sexuais buscavam prazer a qualquer custo enquanto que as pulsões de autoconservação seriam as responsáveis por preservar a vida do organismo e da espécie. Desta forma, quando as pulsões sexuais fossem contrárias à preservação do organismo, as pulsões de autoconservação agiriam através de uma força oposta a fim de manter a vida.

Esse conflito é estabelecido em decorrência de dois princípios fundamentais, o *princípio do prazer e o princípio de realidade*. Em decorrência disso, as pulsões sexuais agem segundo o princípio do prazer, buscando satisfação de uma forma mais imediata possível, enquanto que as pulsões de autoconservação agem buscando vias alternativas de satisfação, pois se submetem ao princípio de realidade. Assim, o indivíduo utilizando seu discernimento procura encontrar um objeto que possa ser investido e suprir suas necessidades, ao mesmo tempo em que possibilita driblar possíveis frustrações. Como registrado por Freud em *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental* (1911):

É fácil distinguir a tendência principal a que estes processos primários obedecem; ela é designada como princípio do prazer - desprazer (ou, mais sinteticamente, princípio do prazer). Tais processos se empenham em ganhar prazer; daqueles atos que podem suscitar desprazer a atividade psíquica se retira (repressão[recalque]) (...) Apenas a ausência da satisfação esperada, a decepção, levou a que se abandonasse a tentativa de satisfação por meio alucinatório. Em vez disso, o aparelho psíquico teve que se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação. Com isso foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica; já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável. Esse estabelecimento do princípio da realidade resultou ser um passo de enormes consequências (FREUD, 2010a, p.83).

Deste modo, quando o eu julga que uma possível demanda das pulsões sexuais pode ameaçar a integridade do eu, resguardada pelas pulsões de autoconservação, há um conflito representado por uma *formação de compromisso*, que busca contemplar de alguma forma os princípios do prazer e de realidade uma vez que se encontram estabelecidos em instâncias diferentes, ou seja, inconsciente e consciente; e oferecer expressividade a ele, isto é, o conflito.

Retomando o texto de 1915, adiciona-se a isso a noção de que não se concebe a ideia da pulsão ser inibida ou destruída, portanto ela se direciona necessariamente para a satisfação, assim Freud concebeu quatro possíveis destinos para a pulsão:

A observação nos ensina serem os seguintes os destinos da pulsão:

A reversão em seu contrário.

O retorno em direção a própria pessoa.

O recalque.

A sublimação. (FREUD, 2010d, p. 81)

Ainda nesse texto, Freud ressalta que a sublimação e, especialmente o recalque, demandam um capítulo à parte e aborda os dois primeiros destinos: a reversão em seu contrário e o retorno em direção à própria pessoa.

A reversão em seu oposto passa a ser dividida em dois processos diferentes, ou seja, *a passagem da atividade para a passividade e a inversão de conteúdo*. Na primeira, observa-se uma transformação do objetivo ativo como olhar e torturar para ser olhado e torturado e na segunda seria uma mudança no conteúdo como a transformação do amor em ódio, porém ambos na *atividade*.

O retorno em direção à própria pessoa se caracterizaria por um período denominado *narcisismo*, período este em que o objeto de investimento das pulsões não é o mundo externo e sim o próprio indivíduo caracterizando uma forma de satisfação narcísica e uma captura da libido no campo do eu proporcionando uma imagem unificada de si. Deste modo, o eu passa a introjetar objetos externos que são fontes de prazer e a projetar sobre o mundo externo tudo que for causa de desprazer, como esclarecido na seguinte passagem:

O Eu, na medida em que é autoerótico, não tem necessidade do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às vivências das pulsões de autopreservação, e não pode deixar de sentir os estímulos pulsionais internos por certo tempo como desprazerosos. Sob o domínio do princípio de prazer ocorre nele um novo desenvolvimento. Ele toma para si, em seu Eu, os objetos oferecidos, desde que eles sejam fontes de prazer, introjeta-os (de acordo com a expressão de Ferenczi) e, por outro lado, expela o que dentro dele se torna causa de desprazer (FREUD, 2010d, p. 43).

O terceiro destino possível da pulsão, mencionado por Freud, seria o de encontrar resistências que buscam torná-la inoperante através do *recalque* já que a fuga não seria uma opção uma vez que não se trata de um estímulo externo e assim o “(...) Eu não pode fugir de si mesmo” (FREUD, 2010e, p. 83). E que ainda, este tipo de defesa frente às pulsões se daria a partir de um novo estágio de organização psíquica, ou seja, que antes de tal organização o que prevalece seriam os dois outros destinos aqui já mencionados.

Freud observou em sua prática clínica, com as neuroses de transferência, que o mecanismo de defesa do recalque surge a partir da instauração de uma nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente através da verificação de que a satisfação da pulsão poderia ser possível e mesmo prazerosa para uma instância, ao mesmo tempo que inconciliável com outras exigências. Portanto, a contemplação dessa

satisfação pulsional geraria um desprazer maior que o prazer, pois o recalque em “(...) sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência” (Ibid., p.85).

1.1 Haveria algo Além do Princípio do Prazer?

Freud elaborou mais tarde, mais precisamente no texto “*Além do Princípio do Prazer*”, de 1920, uma segunda teoria pulsional, também dualista, em que propõe que o conflito fundante do aparelho psíquico não se dava entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação mas, na verdade estas passam a ser incluídas dentro da concepção de *pulsões de vida*, que são responsáveis pelo ligamento das excitações em oposição à *pulsão de morte* que seria responsável pelo desligamento das excitações, “(...) fomos levados a distinguir duas espécies de instintos, aqueles que pretendem conduzir a vida à morte e os sexuais, que sempre buscam e efetuam a renovação da vida” (FREUD, 2010h, p. 156).

Concomitante a tais observações, deparou-se em sua prática clínica com pacientes caracterizados por uma neurose de guerra que relatavam sonhos repetitivos marcados pela experiência psíquica da dor diante de um evento traumático impossível de elaborar, não sendo submetidas ao princípio do prazer como era de se esperar, mas sim a algo mais "primitivo, mais elementar, e mais pulsional do que o princípio do prazer" (FREUD, 1920 apud SANTOS, 1991). Assim com o impasse de verificar que existe outra forma onírica que não é a realização de desejo, questiona a supremacia do princípio do prazer como base do psiquismo que fundamentava seus escritos e clínica até então.

Temos aqui a referência a um princípio - "repetição em si mesma" - e a uma produção de prazer de outra fonte - devemos entender, outra que não a sexualidade ou a pulsão sexual - "mais direta". Referência tanto mais enigmática de vez que é de um "ato" de separar, dividir, arremessar para longe que se trata (SANTOS, 1991).

Deste modo, o psicanalista se vê diante da seguinte questão: ter construído sua metapsicologia, amplamente discutida e divulgada através dos textos *As Pulsões e Seus Destinos*, *O Recalque*, *O Inconsciente*, *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos* e *Luto e Melancolia*, discorrendo sobre a realização do desejo, sob o primado do princípio do prazer e a ação do recalque contra tal realização, em contraponto às reflexões mais

recentes que o levaram a pensar sobre a possibilidade de não mais ter como fundamento básico do psiquismo tal princípio.

Percebe, portanto, a necessidade de acréscimos e redefinições na teoria da clínica psicanalítica, sem invalidar seus pressupostos já fundados na hipótese do inconsciente, para dar conta de um protagonismo da existência da dor, já que os indícios observados na prática clínica demonstravam a presença desse outro paradigma para além do eixo prazer-desprazer.

Assim, diante de tal impasse, Freud propõe o pressuposto de um princípio contrário ao princípio do prazer, já que não poderia ser o conhecido princípio de realidade, visto que este nada mais seria do que um “caminho mais longo” de investimento da libido. Este segundo princípio também visava suprir as demandas de satisfação, pelo *prazer*, sendo uma salvaguarda deste, e proporcionando mais segurança, além da possibilidade de escapar de possíveis frustrações e sofrimento para o eu, “para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois” (FREUD, 2010h, p.86). Então, o que estaria de fato em oposição ao princípio do prazer?

Em vista dessas observações, extraídas da conduta na transferência e do destino das pessoas, sentimo-nos encorajados a supor que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer (...) O que ainda resta é bastante para justificar a hipótese da compulsão de repetição, e esta quer nos parecer mais primordial, mais elementar, mais instintual do que o princípio do prazer (...) (FREUD, 2010h, p. 135).

Propõe assim que as neuroses de guerra são caracterizadas por uma *compulsão à repetição* revelada por vivências que associam a experiência do trauma à angústia real e ao desamparo psíquico. Além de que a compulsão à repetição “rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 115) evidenciando, portanto, um novo conflito.

Através dessa conclusão, Freud traz de volta à psicanálise o tema do trauma e questiona ao mesmo tempo em que propõe a seguinte hipótese:

“Podemos ousar reconhecer (...) a atividade de dois movimentos instintuais, dos instintos de vida e dos instintos de morte? (...) adentramos o porto da filosofia de Schopenhauer, para quem a morte é o autêntico resultado e, portanto, o objetivo da vida, enquanto o instinto sexual é a encarnação da vontade de vida” (FREUD, 2010h, p. 159-160).

Reconhece deste modo, que a morte pode ser dominante em relação à própria vida, o que o possibilita conceituar a hipótese da existência do *Princípio de Nirvana*, caracterizado pela tendência de conduzir a excitação a nível zero, veiculado pela *pulsão de morte* e baseada na observação clínica da compulsão à repetição, a qual se oporia à pulsão de vida e ao Princípio do Prazer, definindo então um novo dualismo pulsional, o qual passaria a partir de então a alicerçar a sua ciência.

O texto de 1920, *Além do Princípio do Prazer*, propõe que o conflito fundante do aparelho psíquico não se daria mais entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, como estabelecido anteriormente, mas estas passam a ser incluídas dentro da concepção de *pulsões de vida* em oposição às *pulsões de morte*, que seriam as mais primordiais e elementares.

De acordo com Coelho dos Santos (1991), por meio de uma articulação entre os textos "Totem e Tabu" e o "Mais Além do Princípio do Prazer", a fonte da pulsão de morte seria proveniente do sentimento de culpa primitivo gerado pelo complô fraterno estabelecido na horda primeva que teve a finalidade de assassinar o pai, podendo deste modo, pelo remorso e idealização do pai morto, construir um novo pacto que funda a cultura. Assim:

Do pecado original, crime de morte contra o pai, padecem todos os homens e é ele a fonte do sentimento inconsciente de culpa do superego arcaico - cultura pura da pulsão de morte enquistada no id - e reestabelecida através do complexo edipiano (SANTOS, 1991).

A autora segue apresentando a ideia de que num primeiro momento nenhuma outra pulsão contracenaria com a pulsão de morte e que as pulsões sexuais seriam forças perturbadoras contra a ação mais primitiva, automática e repetitiva daquela, e que aquelas emergem a partir de influências e estímulos externos como os equiparados ao "cuidado materno primário".

Tal ideia conflui com o pensamento de Freud quando este faz referência a duas possíveis hipóteses que barrariam a atividade da pulsão de morte. Uma primeira sendo formada por um conjunto de forças que dificultam e desviam o curso da pulsão de morte:

Surge então o paradoxo de que o organismo vivo se rebela fortemente contra influências (perigos) que poderiam ajudá-lo a alcançar sua meta de vida por um caminho curto (mediante curto-circuito, digamos), mas essa conduta caracteriza justamente os esforços apenas instintuais, em oposição aos inteligentes (FREUD, 2010d, p. 150).

Sendo a inteligência esse conjunto de esforços, e, portanto, uma habilidade adquirida que serviria a vida e que se oporia contra a tendência primitiva da pulsão de morte. Freud, neste ponto, se referiu às pulsões de autoconservação, auto-afirmação e domínio, pulsões do ego estabelecendo a oposição "inteligência, individualidade *versus* des-existência" (COELHO DOS SANTOS, 1991).

A segunda hipótese partiu da ideia da dupla condição do organismo vivo, a qual se refere à transmissão genética e sobrevivência da espécie através da sexualidade que prorroga o percurso para a morte, trazendo em si a dualidade "inorgânico/inanimado *versus* orgânico/animado", no qual a autora traz a possibilidade de se pensar o seu desdobramento pelas oposições "'massa" e o "eu", sociedade e o indivíduo" (*Ibid.*, 1991).

Portanto, a pulsão de morte representa aquilo que não entrou no circuito pulsional como previsto por Freud em *A Pulsão e seus destinos*, de 1915, um fenômeno que representa *excesso pulsional* que o sujeito não deu conta de encaminhar e que possui como principal característica uma pura exigência de satisfação.

CAPÍTULO 2

"Mas o Super-eu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este.(...). Assim (como o pai) você *não pode* ser"

FREUD, 1923 – *O Ego e o Id*

2. SUPEREU PÓS EDÍPICO E IDEAL DO EU

Segundo Campos (2015), a teorização de Freud sobre o conceito de supereu está mais articulada com o que foi proposto no texto *Além do Princípio do Prazer* em relação ao mecanismo de compulsão à repetição - índice clínico da pulsão de morte - do que pode ser encontrado no princípio de realidade e no princípio de prazer.

Para esse autor, a pulsão de morte pode seguir três caminhos distintos, sendo o primeiro quando esta mescla-se com a pulsão de vida se tornando representativo pelo ato sexual, o segundo caminho quando a pulsão de morte fica desviada para o mundo externo observada pela expressão de agressividade nos conflitos e nas guerras enquanto que o terceiro caminho, mais interessante para a discussão proposta aqui, desempenha “o seu trabalho de estorvo dentro do mundo interior, pela via do supereu” (CAMPOS, 2015, p. 91).

No intuito de esclarecer melhor a gênese da instância do supereu, Freud menciona em *O Eu e o Isso*, de 1923, sobre como foi elucidada a dinâmica da melancolia na qual o investimento de um objeto perdido retorna ao eu através do processo de identificação. Dito de outro modo, tal processo seria decorrente da substituição do investimento objetal em identificação através do estabelecimento do objeto no eu contribuindo para uma alteração desse eu que por sua vez também está presente na constituição do *caráter* do indivíduo. Freud relembra ainda que tal introjeção nada mais seria do que uma regressão ao funcionamento típico da fase oral do indivíduo.

Seguindo o texto, Freud esclarece que deve ser considerada a possibilidade de não ocorrer uma substituição, mas sim que os dois processos também possam acontecer simultaneamente, ou seja, propiciar uma alteração do caráter e ainda assim conservar a manutenção da relação objetal. Além disso, essa operação parece construir uma via em que o eu, assumindo traços do objeto, pode controlar o Id como se oferecendo "ele próprio ao id como objeto de amor", ocorrendo assim a transformação de libido objetal

em libido narcísica (FREUD, 2011a, p.27). Decorrente deste processo, se daria o abandono das metas sexuais, a moção pulsional seguiria para o destino da sublimação possibilitando assim o advir do supereu.

Tal advento, segundo o autor, seria decorrente da consolidação da estrutura do ideal do Eu, que contraria os impulsos incestuosos e parricidas - constituintes do complexo de Édipo - promovendo uma redistribuição da libido, pelo efeito da ação parental de regulação dos impulsos mais primários na criança e provenientes da:

primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal. Esta não parece ser, à primeira vista, resultado ou consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal (*Ibid.*, p.28).

Freud ainda pontua que tanto a natureza triangular da situação edípica quanto a bissexualidade constitucional do indivíduo são dois fatores que parecem influenciar as escolhas de objeto do primeiro período sexual resultando, portanto, em tal identificação que seria reforçada pela identificação primária.

Segue-se a isso, uma distinção entre a identificação e o objeto de amor que se daria como resultado da dissolução do complexo de Édipo através da percepção pela criança de que a satisfação completa em relação a mãe não é possível devido a ação repressora do pai, o que repercute numa alteração do eu, "estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si" e possibilitando o surgimento do supereu (FREUD, 2011a, p.31).

Confirmando esse raciocínio, Freud considera que a gênese do supereu provém, além da natureza triangular da condição edípica, do resultado de dois fatores constitutivos: a dependência infantil e o desamparo, aliados ao consequente "medo da perda do amor", o qual o protege contra os diversos perigos, inclusive contra a "superioridade em forma de castigo" (FREUD, 2011a, p. 60). Ou seja, tais fatores colocam a criança na condição de indiferenciação, pois a mesma se encontra identificada na posição de objeto que pode preencher o suposto materno, como numa identificação de base oral. Tal situação só pode ser modificada pela presença da intervenção da função paterna, proporcionando uma distinção entre a identificação e o objeto de amor, o que viabiliza a produção de coordenadas simbólicas e a formação de uma consciência moral representada pelo supereu. Assim, Freud sentencia:

O ideal do Eu [supereu] é, portanto, herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id. Estabelecendo-o, o Eu assenhorear-se do complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, submeteu-se ao Id. Enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Super-eu o confronta como advogado do mundo interior, do Id. Conflitos entre Eu e ideal refletirão em última instância (...) a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior (FREUD, 2011a, p.33).

Diante disso, Freud alcança enfim a concepção definitiva da segunda tópica no texto *O Eu e o Id*, sendo esta constituída, portanto, pelo id, pelo eu e também pelo supereu, em que este último forma-se a partir do ideal do eu.

2.1 A formalização de uma “instância psíquica especial” e o Imperativo Categórico

Ao retornar no texto *Introdução ao Narcisismo*, de 1914, é possível verificar como o investimento narcísico propiciou a matriz geradora do ideal do eu. Mais uma vez volta-se ao primeiro dualismo pulsional representado pelas pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, sendo que as primeiras estariam relacionadas aos propósitos mais básicos de manutenção da existência se opondo às segundas que pareciam não ter nenhum tipo de interesse mais utilitário a não ser realizar descargas, satisfações, impulsos desejantes que não levavam em conta um bem-estar mais integral e mais amplo para o sujeito. Nesse contexto, Freud passa a se questionar sobre a formação do eu e verifica que para que tal construção ocorra é necessário que haja investimento da pulsão sexual no eu, ou seja, a formação do eu se daria pela possibilidade do eu se tornar objeto da pulsão sexual, tornando-se objeto valorizado como novo parâmetro da organização libidinal. Deste modo, como dito em Freud, “o Eu tem que ser desenvolvido” (FREUD, 2010c, p. 18-19), assim o estado original da libido caracterizado pela dispersão das pulsões sexuais se modifica dando lugar a uma organização em torno do eu que não existia desde o início.

Assim, o surgimento de uma operação mental subsequente ao autoerotismo - tempo caracterizado pelo estado caótico das pulsões sexuais parciais distribuídas pelas zonas erógenas pré-genitais – em que este cede lugar a essa nova alocação da libido de forma não fragmentada reunida no eu “sendo uma etapa no desenvolvimento da constituição de um objeto único, o ego, que confluiria as pulsões sexuais, parciais e autoeróticas” denominada Narcisismo (MARTELLO, 2001, p. 2).

A posição narcísica se constitui a partir de um tempo lógico no decorrer do desenvolvimento da libido e se caracteriza por um processo de identificação da criança ao que ela é na fantasia da instância parental.

Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos (...) His Majesty the Baby, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe (...) O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora (FREUD, 2010c, p. 36-37).

Para que a libido tome o eu como objeto de investimento é necessário que o bebê se sirva dessa construção psíquica dos seus pais e tome para si mesmo uma ação em que ocorre uma reorientação pulsional das pulsões parciais para si mesmo nos mesmos termos do investimento libidinal dos pais sobre ela. Isto é, a fantasia parental sobre o que um bebê representa para eles e o investimento libidinal decorrente disso é que define essa reorganização na dinâmica libidinal da criança em que esta se apoia em tal investimento para fazer uma experiência inédita de si.

Esta nova organização conhecida como narcisismo primário que promove uma tomada do eu como objeto da pulsão sexual a partir do discurso dos pais, de um discurso de onipotência, do lugar que ele tem na família, dessa tomada de si como bebê majestoso, como crença sobre si mesmo, se identificando com essa narrativa soluciona a angústia de despedaçamento, da insuficiência do autoerotismo e das pulsões parciais, ao mesmo tempo em que se produz uma nova angústia constituída pela diferença entre o objeto que é tomado a partir da fantasia parental e do que ele, o bebê, representa para o mundo externo.

Decorrente desse processo, ainda no texto *Introdução ao Narcisismo*, de 1914, Freud procura explicar sobre o recurso que advém após o sujeito ter passado pelo complexo de castração o qual desestabilizou o narcisismo primário, isto é: o surgimento do ideal do eu, como observado na seguinte passagem:

Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão (*recalque*). A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real (*eu ideal*) desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal,

que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição (FREUD, 2010c, p. 27).

A passagem pelo complexo de castração e a instalação do recalque destitui qualquer crença onipotente da criança acerca das suas capacidades, pois passou por um conflito primordial que é a diferença sexual na sua forma imagética propiciando a percepção de que os corpos não são iguais.

Por volta dos três anos, a região genital da criança vai se tornando uma zona erógena que atende ao desejo sexual que é despertado. Tal desejo somado à percepção da diferença sexual, da diferença dos corpos, provoca uma ruptura em relação ao seu auto encantamento estabelecido pelo narcisismo primário.

A partir deste ponto, a criança é atravessada pela angústia de ser desprovida de informação que possa pacificar o enigma que se apresenta e passa a se questionar sobre qual seria a sua posição nesta diferença dos corpos entre fálicos e castrados. Assim, os meninos, numa tentativa de dar conta a tal enigma, fantasiam e passam a atribuir à figura do pai o papel de agente da punição que destitui alguns de prover o elemento fálico. Diferente do que se passa com as meninas que se frustram e constroem a fábula de que foram traídas pela mãe, pois esta não lhes pode ou quis fornecer tal atributo.

Diante disso, o trabalho psíquico exigido é o de passar desta posição rivalitária e objetificante por meio das coordenadas que a cultura oferece a fim de adquirir recursos psíquicos que propicie a saída da posição de objeto para se tornar sujeito que é capaz de se orientar a partir do que adquiriu como bússola para uma escolha de objeto já que foi preciso renunciar ao objeto primário de satisfação. Então, é graças ao complexo de castração que o complexo de Édipo pode se dissolver e alavancar a criança a ir mais além, encontrar algo além do mito familiar, a descolar da fantasia mais idealizada do outro e se tornar sujeito.

Desta forma, ocorre o surgimento do ideal do eu, diferente do eu ideal, em que o universo materno impera e onde o ideal da criança coincide com tal ideal, aquele – o ideal do eu - se articula às novas identificações, identificações pós-edípicas, nas quais a esfera dos ideais não coincidem mais com o sujeito e não se restringe a sua mãe e sim a cultura de um modo mais amplo possibilitando organizar a vida subjetiva após as perturbações ocorridas no narcisismo primário, como dito no trecho:

“Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la sob a forma nova do ideal do eu” (FREUD, 2010c, p. 27).

A identificação secundária, fruto do ideal do eu, compõe um novo arranjo em que o sujeito inscreve algo do outro, porém não mais sendo o que o outro desejou e sim elaborando uma construção mais complexa, incluindo algum saber sobre como desejar e se relacionar com os outros objetos. O eu passa a incluir um repertório cultural que até então não se fazia presente. Para tal elaboração não basta conhecer a cultura cognitivamente é preciso que ocorra uma internalização desse saber como decisão ética vindo do eu, por meio de um “autorrespeito do Eu”, assim dito nas palavras de Freud:

“Aprendemos que os impulsos instintuais da libido sofrem o destino da repressão patogênica, quando entram em conflito com as ideias morais e culturais do indivíduo. Com isso não entendemos jamais que a pessoa tenha um simples conhecimento intelectual da existência de tais ideias, mas que as reconheça como determinantes para si, que se submeta às exigências que delas partem. Dissemos que a repressão vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu” (FREUD, 2010c, p. 27).

Deste modo, por meio de um trabalho ativo e uma ação do recalque feita pelo eu, através da intervenção de *algo* é que se torna possível o rompimento com as ações pulsionais irrestritas promovendo uma descontinuidade com a dinâmica anterior do narcisismo que abre espaço para uma nova dinâmica recursada agora a partir do surgimento do ideal do eu dentro de si, sendo este um marcador simbólico que indica o desejo subjetivo apoiado no lastro do que as figuras parentais puderam transmitir, e que “seria condição para a repressão” neurótica, pois:

Não seria de admirar se encontrássemos uma instância psíquica especial, que cumprisse a tarefa de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu e que, com esse propósito, observasse continuamente o Eu atual, medindo-o pelo ideal (FREUD, 2010, p. 28-29).

Nesse trecho, percebe-se o vislumbre do que seria conceituado de supereu, a primeira menção de uma “instância psíquica especial” responsável pelo que o autor identifica como as características de uma consciência moral na qual exigisse do eu objetivos e metas que garantissem as aspirações de um alcance do ideal de eu. A posteriori, mais precisamente no texto *O Eu e o Isso*, Freud iria elaborar tal conceito como visto anteriormente neste ensaio.

Contudo apenas no texto de 1933, *A Dissecção da Personalidade Psíquica*, Freud esclarece que o supereu não personifica uma abstração como a da consciência moral e

menciona a importante função que atribui a ele que seria a de ser um portador do ideal do eu, “pelo qual o Eu se mede, o qual busca igualar, e cuja demanda por uma perfeição cada vez maior ele se empenha em satisfazer”, revelando a diferença entre os conceitos de supereu e o ideal de eu, embora estejam altamente relacionados. Freud menciona ainda que esse ideal é derivado da imago dos pais, “a expressão da admiração de quem os considerava perfeitos” (FREUD, 2010i, p. 146).

Adicionado a isso, em *O Problema Econômico do Masoquismo*, de 1924, Freud referiu o supereu como representante tanto do Id como do mundo exterior, tendo surgido a partir da introjeção das forças libidinais do id atreladas às primeiras relações de objeto, “o casal de genitores”, cuja relação foi dessexualizada e desviada para outros objetivos, possibilitando a superação do complexo de Édipo. Deste modo:

O Super-eu conservou características essenciais das pessoas introjetadas, seu poder, sua severidade, sua inclinação a vigiar e punir (...) graças à desagregação de instintos que ocorre juntamente com essa introdução no Eu, a severidade aumentou. O Super-eu, a consciência nele atuante, pode então ser duro, cruel, inexorável com o eu que é por ele guardado. O imperativo categórico de Kant é, assim, herdeiro direto do complexo de Édipo (FREUD, 2011b, p. 175).

Ainda neste texto, acerca do masoquismo, Freud argumenta sobre um *sentimento de culpa inconsciente* revelado por fantasias masoquistas, “(...) pois o indivíduo supõe haver infringido algo (não determinado) que deve ser expiado mediante procedimentos penosos e torturantes (...). Para Freud, esse fator da culpa leva à uma terceira forma do masoquismo, aquela dita moral. (*Ibid.*, p.170).

Freud pontua que a explicação desse tipo de comportamento está relacionada com um retorno da pulsão destrutiva – sendo esta uma derivação da pulsão de morte - ter voltado para a própria pessoa. Esclarece ainda que decorrente deste sentimento de culpa inconsciente ou, mais apropriadamente, uma “necessidade de punição” existe uma satisfação, porém não no prazer, mas sim na dor. Deste modo, nas palavras do autor, “O sadismo do Super-eu e o masoquismo do Eu complementam um ao outro e se juntam para produzir as mesmas consequências” (*Ibid.*, p.177-178). Isto é, a dor como fonte de satisfação, ou seja, a busca do sujeito do inconsciente por uma satisfação que em última instância redunde numa *satisfação dolorosa*.

Reafirmando o conceito freudiano de supereu, Nasio (1997) menciona que a formação desta instância se dá pelo medo que emerge na criança de ser castrada, então se

resigna e aceita renunciar ao seu desejo incestuoso, gerando um conflito interno. Dito de outra forma, uma parte do eu se identifica com a figura interditora, enquanto a outra parte permanece desejanter. Assim, a parte do eu que se apropria da interdição de maneira duradoura é o que foi denominado por Freud de supereu. Ainda segundo o autor, o supereu de caráter autocrítico se presentifica na vida psíquica do adulto por três “gestos fundamentais” que demarcam a saída do Édipo, que seriam: a renúncia ao gozo proibido – entendendo-se por gozo uma satisfação que está além do princípio de prazer e referente a pulsão de morte -, a preservação do desejo em relação a esse gozo considerado inacessível e a preservação da “integridade física e psíquica do perigo de estilhaçamento que sobreviveria se o eu da criança ascendesse ao gozo”. Considera ainda, o “supereu-consciência” no seu aspecto espiritual e ideal que seria responsável pela atividade de promoção do bem-estar pelos seus “fundamentos da moral, da arte, da religião e de qualquer aspiração ao bem-estar social e individual do homem”, porém adverte que esta face do supereu, ou seja o ideal do eu, apesar de ser a mais conhecida é a mais superficial e a menos importante para o psicanalista uma vez que simbolicamente representa o sinônimo de consciência moral (NASIO, 1997, p.130-132).

Assim, a pesquisa sobre a gênese do supereu revelou que os conflitos remotos arcaicos existentes entre o eu e os investimentos objetais do id passam, a partir da dissolução do complexo de Édipo, a serem geridos e submetidos a intervenção do supereu pós edípico por ansiar o ideal do eu.

2.2 Mal-Estar, Sentimento de Culpa Inconsciente e Consciência Moral

Em *O Eu e o Id*, de 1923, Freud oferece uma análise preliminar para investigar o aspecto inconsciente do supereu e sua relação com *o sentimento de culpa*, já mencionado acima. Menciona sobre o fato de que estar cômico sobre a própria insuficiência, ao comparar o eu com o ideal, emerge em si o sentimento de humildade ressaltado e valorizado nas mais diversas religiões. E adiciona a ele o sentimento de culpa percebido pela tensão existente entre as expectativas da consciência moral e as realizações do eu.

Aprendemos, em nossas análises, que há pessoas nas quais a autocrítica e a consciência [moral], ou seja, ações psíquicas altamente valorizadas, são inconscientes e, enquanto tais, produzem os efeitos mais importantes; o fato de a resistência permanecer inconsciente na análise não é, portanto, a única

situação desse tipo. Mas a nova constatação, que nos obriga, apesar de nossa melhor compreensão crítica, a falar de um *sentimento de culpa inconsciente*, desconcerta-nos bem mais e nos oferece novos enigmas, sobretudo quando gradualmente notamos que um tal sentimento de culpa inconsciente tem papel decisivo, em termos econômicos, num grande número de neuroses, e ergue os maiores obstáculos na direção da cura (FREUD, 2011a, p. 24-25).

Conclui, enfim, que religião, moral e sentimento social são os representantes de algo adquirido filogeneticamente na sociedade sobre o que há de mais elevado no ser humano.

Porém como estariam exatamente relacionados o sentimento de culpa, o mal-estar e a consciência moral com o conceito de supereu?

A fim de contextualizar tal investigação, verifiquemos a questão que Freud (2010j) coloca em *O Mal-Estar na Civilização* sobre a consciência moral a partir do que propõe serem as três fontes do sofrimento. Tais fontes estariam distribuídas entre a natureza do mundo externo, a fragilidade do corpo e as relações humanas; sendo estas últimas, as legítimas representantes da moral. Mas porque seriam então estas incapazes de apaziguar o mal-estar, apesar de serem as mais acessíveis e viáveis de proporcionar algum grau de felicidade e proteção para todos os seres humanos?

Para seguir essa reflexão, retornemos primeiramente ao texto do *Inconsciente*, de 1915, no qual Freud pontua que podem haver ideias conscientes e inconscientes, ao mesmo tempo que coloca não estar certo sobre a possibilidade da existência de sentimentos inconscientes, afinal a pulsão é representada no inconsciente somente pelo seu representante ideativo, de modo diverso se daria com a carga afetiva, como amor, ódio, raiva etc., que estariam estas presentes na consciência. Porém, paralelo a isso, observa que na prática clínica se apresenta uma exceção, isto é, o aparecimento da presença paradoxal de um “sentimento de culpa inconsciente”.

De acordo com Campos (2015), a culpa por ser um afeto não deveria pertencer a ordem do inconsciente, porém em virtude de decorrer da ideia inconsciente do parricídio, emerge na consciência sob a modalidade de angústia e mal-estar, “restando o objeto da culpa oculto sob recalque”. Como é possível verificar no exemplo mencionado por Freud em *Formulações Sobre Os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico*, de 1911, de um homem que cuidou de seu pai enfermo antes da morte e que sofria de “um sentimento de

culpa neurótico” apesar de não haver evidências sobre a realização de um crime na realidade compartilhada. Assim,

O pensamento onírico é então o seguinte: para ele é uma lembrança dolorosa ter tido que desejar a morte do pai (como liberação) enquanto ele ainda vivia, e como seria terrível se ele tivesse suspeitado disso. Trata-se então do conhecido caso de autorrecriminações após a perda de uma pessoa querida, e a recriminação diz respeito, neste exemplo, à significação infantil do desejo de morte relativo ao pai (FREUD, 2010a, p.88).

Além da seguinte citação freudiana em *O Mal-Estar na Civilização* (2010j, p. 65):

Não podemos afastar a hipótese de que o sentimento de culpa da humanidade vem do complexo de Édipo e foi adquirido quando do assassinio do pai pelo bando de irmãos (...) pois o pai da pré-história era certamente terrível e capaz de extrema agressividade.

Continuando a pesquisa em *O Mal-Estar na Civilização*, de 1930, Freud vislumbra a suspeita de que justamente algo como a ponta do iceberg, aparente na dinâmica das relações, indicaria o restante disfarçado e que este estaria presente na própria psique humana. Segue assim sua investigação a partir de algumas questões como:

A realidade mostra que a civilização não se contenta com as uniões que até o momento lhe foram permitidas, que quer unir também libidinalmente os membros da comunidade, que se vale de todos os meios, favorece qualquer caminho para estabelecer fortes identificações entre eles, e mobiliza em grau máximo libido inibida na meta, para fortalecer os vínculos comunitários através de relações de amizade. Para realizar esses propósitos, é inevitável a limitação da vida sexual. Mas não percebemos qual necessidade impele a civilização por esse caminho e fundamenta sua oposição à sexualidade. Deve se tratar de um fator de perturbação que ainda não descobrimos. A pista nos pode ser fornecida por uma das chamadas exigências ideais da sociedade civilizada. “Ama teu próximo como a ti mesmo” (...) “Ama teus inimigos” (FREUD, 2010j, p. 47).

Seguindo esse texto, Freud nos sinaliza sobre a irracionalidade de tais preceitos, pois verifica que muitas vezes o desconhecido fomenta a hostilidade e o ódio, além de quando, possui alguma vantagem, não hesita em zombar, ofender, caluniar e exibir seu poder. Deste modo conclui, que não seria por um julgamento da razão seguir tal mandamento e ao mesmo tempo se interroga sobre o que de realidade estaria por trás de tais mandamentos que a sociedade parece querer negar.

Assim, Freud passa a enumerar uma série de situações na história da humanidade que revelam que o ser humano não tem se mostrado uma pessoa branda e ávida de amor, muito pelo contrário ao remeter à lembrança sobre as tantas invasões e migrações bárbaras dos povos, sem falar na 1ª Grande Guerra Mundial que testemunhou e que, segundo suas reflexões, revela o homem como um ser que em diversas circunstâncias não

é capaz de inibir uma cruel agressividade como “uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie” (*Ibid.*, p.49). Portanto, o autor passa a fazer a conexão sobre a importância de mandamentos que motivem o ideal de amor ao próximo e à espécie como um todo já que historicamente o indivíduo se apresenta justamente como uma tendência oposta à vida e à integridade humana.

Ainda no texto, relembra sobre as descobertas expostas em *Além do Princípio de Prazer*, de 1920, sobre o pressuposto da nova dualidade pulsional caracterizadas pelas pulsões de vida e pulsões de morte que, segundo suas pesquisas, regem os fenômenos da existência humana sendo por uma atuação conjunta ou antagônica dos dois tipos de pulsões. Verifica também, que as coordenadas culturais se opõem a essa tendência natural de agressividade que seria o representante maior da pulsão de morte e se indaga sobre como e por meio de que a cultura tornaria inofensiva tal tendência destruidora.

Freud conclui a partir da elaboração sobre uma dinâmica já exposta em textos anteriores, iniciada em *Luto e Melancolia*, de 1917, e posteriormente em *O Eu e o Isso*, de 1923, e já mencionada neste ensaio, no qual deflagra o processo de internalização da agressividade, isto é, “a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de exercer em outros indivíduos” retorna para a sua origem, ou seja, para o próprio eu, ou mais especificamente, para uma parte do eu, denominada por Freud de supereu, que se contrapõe ao restante do eu. Além de verificar e nomear a tensão existente “entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido” chamada pelo autor em *O Mal-Estar na Civilização* como “consciência de culpa” e que a mesma “se manifesta como necessidade de punição” (FREUD, 2010j, p. 59).

Corroborando a revelação freudiana, Campos (2015) pontua que a estruturação do supereu ocorre em virtude da divisão do eu contra si mesmo e suas demandas libidinais. Deste modo, a consciência moral tem como principal função estar a serviço do supereu exercendo uma censura e um patrulhamento do eu, condenando seus desejos e atos. Deste modo, quanto maior é a consciência moral e conseqüentemente a severidade do supereu, maior será o sentimento de culpa assumido pelo eu.

Desta forma, segundo Freud, o processo civilizatório procura promover um domínio do prazer em agredir, que habita todo homem, através do desenvolvimento de um *sentimento de culpa inconsciente*, de um *mal-estar* emergido pela vigilância e

articulação de uma instância interna originada do próprio eu e denominada, como dito anteriormente, de *supereu*, que exerce a função de um representante interno da *consciência moral* enfraquecendo o eu, desarmando-o.

CAPÍTULO 3

"Isso nos leva de volta à origem do ideal do Eu [supereu], pois por trás dele se esconde a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal."

FREUD, 1923 – *O Ego e o Id*

3. SUPEREU ARCAICO

Até aqui, tudo foi dito sobre a instância do supereu e sua vinculação com o equipamento edípico, mas este processo pode se dar de modo diferente?

Freud pontuou que o supereu pós edípico é uma instância que sofreu um tratamento, na verdade, que representa uma conquista fruto do processo pela passagem do complexo de Édipo por meio do complexo de castração que então, viabiliza tal construção superegógica. Ao mesmo tempo, o psicanalista verificou que o supereu deriva de um legado da sexualidade infantil que tem suas origens libidinais no id ao se deparar com pacientes que apresentavam certas organizações cuja dinâmica não se dava da mesma maneira e iniciou assim suas pesquisas com a clínica da melancolia.

3.1 Gênese do Supereu Arcaico pelo Paradigma da Melancolia

Freud toma como ponto de partida, para avaliar esses casos que tinham aparecido em sua clínica, os quais ele denomina como estados melancólicos, o afeto normal do luto. Ele partiu dessa associação em virtude da semelhança dos dois fenômenos, luto e melancolia.

O autor passou a correlacionar os dois estados observando semelhanças como “abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade”. Ao mesmo tempo em que pontuava uma exceção reveladora: na melancolia a autoestima é afetada e expressa-se por “recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição” (FREUD, 2010f, p.128).

Segundo Freud, o trabalho do luto exige que “toda a libido seja retirada de suas conexões” decorrente da perda de um objeto investido, visto que em geral o ser humano não possui a tendência de “abandonar uma posição libidinal” (*Ibid.*, p. 129). Contudo, é

esperado que em tal processo prevaleça as coordenadas apresentadas pela realidade e que aos poucos o sujeito possa ir realizando o desligamento da libido, promovendo a conclusão do trabalho de luto até que o eu retome a mobilidade libidinal e possa reinvesti-la em novos objetos.

Porém, a constatação para o autor de que “O melancólico ainda nos apresenta uma coisa que falta no luto: um extraordinário rebaixamento da autoestima, um enorme empobrecimento do Eu” (*Ibid.*, p. 130) e de que “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu” (*Ibid.*, p. 130) é algo intrigante, pois:

O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo. Degrada-se diante dos outros; tem pena de seus familiares, por serem ligados a alguém tão indigno. Não julga que lhe sucedeu uma mudança, e estende sua autocrítica ao passado; afirma que jamais foi melhor. O quadro desse delírio de pequenez — predominantemente moral — é completado com insônia, recusa de alimentação e uma psicologicamente notável superação do instinto que faz todo vivente se apegar à vida (*Ibid.*, p. 130).

Interessante observar como de fato Freud legitimou o pensamento de seus pacientes no sentido de dar crédito, de que tais pacientes descreviam corretamente sua própria condição psicológica ao fazerem inúmeras autocríticas sobre si mesmos. E que na verdade, para ele, não importava tanto se tais recriminações coincidiriam com o julgamento de outras pessoas, mas que de fato eles deveriam possuir “boas razões” para se sentirem dessa forma.

Para Freud, não havia dúvidas de que ter esse tipo de avaliação sobre si mesmo e expressá-la para os outros representava um estado doentio até mesmo porque parecia não existir o sentimento de vergonha, como seria o esperado nesses casos, mas sim “uma insistente comunicabilidade que acha satisfação no desnudamento de si próprio” (*Ibid.*, p. 131).

Retomando a analogia com o luto, onde reside uma perda relativa ao objeto, no melancólico, mais especificamente, indica ter ocorrido uma perda no próprio eu, como observado pelo autor: “uma parte do Eu se contrapõe à outra, faz dela uma avaliação crítica, toma-a por objeto” (*Ibid.*, p. 132).

Por uma observação mais cuidadosa foi possível verificar que as autoacusações de um melancólico não eram exatamente endereçadas a sua pessoa e sim “a uma outra, que o doente ama, amou ou devia amar” (*Ibid.*, p. 132). Deste modo, o psicanalista

concluiu que tais recriminações na verdade foram, num tempo remoto, direcionadas a um objeto amoroso, mas que agora se encontravam internalizadas e direcionadas ao próprio eu. Parecia então ficar mais compreensível o fato de que os melancólicos não se envergonham nem escondem as autocríticas, pois o que ocorria de fato era um “queixar-se” de outra pessoa, mas que *casualmente* passou a pertencer ao eu.

O que Freud percebeu foi que o que ocorre com o melancólico difere da resposta que normalmente ocorre advinda de uma “real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada” (*Ibid.*, p.133), que seria uma retirada da libido nesse e investimento em um novo objeto. Porém, ao invés disso, a libido recua para o eu, e uma parte do eu estabelece uma identificação com o objeto abandonado através da seguinte formulação proposta pelo autor: “a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (*Ibid.*, p.133). Ou seja, ocorre uma cisão do eu produzindo uma instância crítica diferenciada, que faz às vezes de um *supereu* com uma característica *arcaica*, que se soma a um eu modificado pela identificação e caracterizado por uma perda.

Ainda no texto *Luto e Melancolia*, de 1917, Freud destaca uma observação pertinente do psicanalista Otto Rank de que muito possivelmente esse processo ocorreu sobre uma base narcísica na qual tendo tido algum conflito ou dificuldades relacionadas ao objeto, o investimento objetal regride à fase oral da libido, pertencente ao período do narcisismo.

O autor faz ainda uma diferenciação com as neuroses de transferência. Em relação a histeria, nesta o investimento persiste e mostra suas reverberações através de ações e nas inervações. Porém, caso exista uma predisposição à neurose obsessiva, o conflito da ambivalência “empresta ao luto uma configuração patológica e o leva a se exprimir em forma de autorrecriminações nas quais o indivíduo mesmo teria causado – isto é, desejado – a perda do objeto de amor” (*Ibid.*, p. 135). Diferente da melancolia em que ocorre um abandono do investimento objetal promovendo um amálgama entre características do trabalho do luto e uma conversão da libido do objeto em libido narcísica.

Ao mesmo tempo, tanto na neurose obsessiva quanto na melancolia observa-se um certo auto martírio prazeroso decorrente das tendências sádicas e de ódio direcionadas a um objeto, que na melancolia se voltam contra a própria pessoa na forma de um *supereu arcaico*.

Desta forma, a análise da melancolia possibilitou para Freud a observação de que, ao ocorrer a regressão do investimento objetal passando a tratar o próprio eu como objeto, o sujeito torna-se capaz de dirigir contra si a hostilidade que seria destinada ao objeto, percurso típico da reação original do eu aos objetos do mundo externo.

Para Freud, na melancolia, a complexidade do fenômeno se dá pelo conflito da ambivalência e não somente pela perda do objeto como ocorre no luto. Deste modo, os afetos de amor e ódio “lutam entre si” no sentido de, por um lado manter o objeto e de outro se desligar do mesmo. Sugere ainda que tal batalha aconteça topologicamente no sistema *Ics* já que a ambivalência é característica pertencente ao reprimido até que então sobrevenha à consciência somente os sintomas melancólicos que se tornam conhecidos.

3.2 Aspectos do Supereu Arcaico

No texto *O Eu e o Id*, de 1923, Freud exemplificou quatro fenômenos psíquicos, isto é, *reação terapêutica negativa, inacessibilidade narcísica, sentimento de culpa inconsciente e delinquência*, a partir dos quais evidencia-se a independência de um supereu em relação ao eu que é decorrente da energia de investimento provinda do id, revelando uma específica e íntima relação *deste* tipo de supereu com o id.

O autor nos relembra que tal instância, o id, não se constitui de uma vontade uniforme pois pulsão de vida e pulsão de morte lutam entre si em seu interior. E que, a última apesar de mais silenciosa, torna-se poderosa na tendência a fazer calar *Eros* consolidando suas disposições agressivas e destrutivas reveladas no caráter duro e cruel advindos essencialmente pelo sentimento de culpa e sadismo manifestados por meio de um *supereu arcaico*.

Confirmando esse pensamento, no texto *O Problema Econômico do Masoquismo*, de 1924, Freud demonstra a cadeia de relações entre tais classes de pulsões distinguindo o princípio do Nirvana - designado como “um abaixamento da tensão devida a estímulos que se acham na psique (...) cuja meta é conduzir a vida sempre instável à quietude do estado inorgânico, e teria a função de advertir contra as exigências dos instintos da vida (...)” (FREUD, 2011b, p. 167). Isso, portanto, predisporia a uma tendência da pulsão de morte, enquanto que o princípio do prazer representaria a energia libidinal ou *Eros*, assim como sua derivação, o princípio de realidade, manifestado pelas demandas decorrentes

do mundo externo. A partir disso, portanto, ressaltou sua conclusão sobre a afirmativa de que o princípio do prazer seria o “guardião da vida” (FREUD, 2011b, p. 167-168).

Em *A Dissecção da Personalidade Psíquica*, de 1933, Freud nos esclarece através da metáfora do cristal quebrado sobre como chegou até o conceito do supereu pelas características observadas na psicose:

Se lançamos um cristal ao chão, ele se quebra, mas não arbitrariamente; ele se parte conforme suas linhas de separação, em fragmentos cuja delimitação, embora invisível, é predeterminada pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas assim, fendidas e despedaçadas (...). Eles deram as costas à realidade externa, mas justamente por causa disso sabem mais da realidade interna, psíquica, e podem nos revelar coisas que de outro modo nos seriam inacessíveis. A respeito de um grupo desses doentes, afirmamos que sofrem de delírio de ser observado (...) pressupõe que as pessoas desconfiam deles, que esperam flagrá-los em ações proibidas, pelas quais devem ser castigados. Como seria se esses loucos tivessem razão, se em todos nós houvesse uma tal instância no Eu, observadora e punitiva, que neles apenas tivesse se separado agudamente do Eu e sido deslocada erradamente para a realidade externa? (...) passarei a designar essa instância do Eu como “Super-eu” (FREUD, 2010i, p. 141-142).

Então, a partir desta conceituação, Freud prossegue explicando suas pesquisas em que encontrou características de severidade e crueldade nas relações do supereu com o eu. Evidenciou, portanto, aspectos de um *supereu arcaico*, com raízes nos primeiros investimentos objetivos do id e no conflito da ambivalência pré edípica, observados no quadro de melancolia, como visto aqui previamente, em que se torna “rigoroso demais, xinga, humilha e maltrata o próprio Eu” (*Ibid.* p. 143), acusando-o, recriminando-o e ameaçando-o com pesados castigos, reconhecidos como ameaça a perda de amor, por meio de um parâmetro moral severo e implacável o que tipifica este supereu.

Quintella (2018, p. 108) retoma os primórdios do discurso freudiano relacionando o conceito de defesa e os diversos modos do sujeito se posicionar diante da castração e do “mal-estar cultural” marcando uma diferença entre o supereu pós edípico, vinculado ao ideal do eu, e um *outro* supereu. Assim, desta maneira, afirma que pensar o sujeito contemporâneo, com suas respostas a esse mal-estar, indica que “nem sempre o supereu atua de maneira diretamente atrelada ao ideal do eu” como era visto na clínica de Freud. Menciona que o que se evidencia nos tempos atuais é um determinado tipo de defesa contra castração que este autor denomina como “*desmentido da privação*” - privação é uma das categorias da dimensão da *falta* conceitualizadas por Lacan, sendo a castração e

a frustração as demais - para pensar formas de atuação *deste* supereu, prevalente na contemporaneidade, em torno do sofrimento psíquico que está atrelado a compulsão à repetição submetida às diversas formas de consumo.

Segundo este autor:

O desmentido da privação é um aspecto da *neurose* na contemporaneidade - o sujeito não desmente a lei propriamente dita como faz o perverso, mas nega o pai como ideal, desmentindo a privação, e situando aí uma saída neurótica diferenciada. Nesses casos, a lei simbólica promoveu seus efeitos neuróticos no que tange à castração ao nível do primeiro tempo edípiano - o sujeito não recusa a castração e inscreve-se no regime do recalque. Ele se submete à castração e à lei simbólica, mas desmente a privação que engendra o ideal do eu na passagem do segundo para o terceiro tempo edípiano - o que o leva ao desnortamento e a conflitos que assumem hoje importantes dimensões na relação com o desejo e o gozo (*Ibid.*, p. 116).

Também corroborando essa diferença, o psicanalista Nasio coloca que a gênese do supereu arcaico é distinta do supereu formado por ocasião do Édipo, o qual se ergue pela incorporação da autoridade parental, segundo a inscrição da lei da proibição do incesto, porém, de modo diferente - apesar da criança também ser confrontada com uma proibição só que com características do trauma - o supereu arcaico nasce “do esgarçamento traumático sofrido pelo eu quando da rejeição de uma fala simbólica”. Assim, este autor sugere uma formulação equivalente a dada por Freud em relação ao supereu pós edípico em que este coloca que “O superego é o herdeiro do complexo de Édipo”; e que em relação ao supereu arcaico, Nasio propõe: “o supereu tirânico é o herdeiro de um trauma primitivo” (NASIO, 1997, p. 134).

Assim como em *Os Caminhos da Formação de Sintomas*, de 1917, Freud advertiu sobre o potencial patogênico do efeito traumático de certas vivências no decorrer da infância:

O significado das vivências infantis não deveria, como sói acontecer, ser inteiramente negligenciado em prol da importância daquelas dos antepassados e da maturidade do indivíduo; pelo contrário, devem ter atenção especial. Elas são prenhes de consequências, pois se dão em épocas de desenvolvimento incompleto, e precisamente essa circunstância as torna capazes de produzir efeito traumático (FREUD, 2014, p. 390).

Nasio (1997) complementa afirmando que o supereu arcaico encarna, não a lei interditora do incesto e do parricídio, mas sim um simulacro de lei e que a única

característica semelhante seria o modo imperativo que adota para fazer-se ser ouvido pelo eu através de “uma lei furada, quase destruída, uma vociferação arquejante e insensata da lei (...) um trauma personificado pelo eu sob a forma de um grito assustador que condena (proibição desmedida), ordena (exortação desmedida) e sufoca (proteção desmedida)” (NASIO, 1997, p. 135).

A partir de tal reflexão, acrescenta-se mais uma característica semelhante, que seria a existência de uma diferenciação do id tanto no supereu pós edípico, que já está posta, mas que nem tanto assim no supereu arcaico. Deste modo, em ambos existiria uma separação de instâncias, porém construídas de formas diferentes. Sendo no primeiro, pela introjeção da instância parental e construção do ideal, enquanto que no segundo pela cisão do eu como visto no paradigma da melancolia. E que, então, este supereu arcaico, advindo dessas circunstâncias, revela as condições das relações mais arcaicas, imperativos que remontam há um tempo em que a criança possuía um laço de base oral, sem a presença do equipamento edípico que organiza os afetos e que está referenciado a um ideal de eu, se assemelhando, portanto, a características do id, apesar de ainda assim ser diferenciado deste, pois advém de um eu cindido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas admitimos que os esforços terapêuticos da psicanálise adotaram uma abordagem semelhante. Sua intenção é, realmente, fortalecer o Eu, torná-lo mais independente do Super-eu, ampliar seu âmbito de percepção e melhorar sua organização, de maneira que possa apropriar-se de novas parcelas do Id. Onde era Id, há de ser Eu. É uma obra cultural como o aterro do Zuydersee, digamos (FREUD, 2010i, p. 160).

O objetivo deste estudo não foi o de abarcar todos os aspectos envolvidos e relativos ao conceito de supereu, mas sim o de realizar uma breve reflexão, baseada principalmente na teoria freudiana, apontando um caminho investigativo sobre as raízes de comportamentos que parecem seguir para uma satisfação direcionada a um mal-estar e ao princípio do nirvana ao invés de se direcionar por percursos geradores de vida e bem-estar para o sujeito.

Para isso, tal investigação partiu das bases e concepções introduzidas por Freud no texto *Além do Princípio do Prazer*, de 1920, sobre a pulsão de morte até os mecanismos que estão em jogo nos comportamentos compulsivos referenciados, não ao supereu atrelado ao ideal de eu, herdeiro do complexo de Édipo, mas sim a um supereu predominantemente à serviço da compulsão à repetição, índice clínico, como visto anteriormente, da pulsão de morte e da prevalência do princípio do nirvana, o que possibilitou alcançar, portanto, a conceitualização de supereu arcaico a partir do paradigma da melancolia em Freud.

Ao resgatar minha motivação de pesquisar sobre o assunto do supereu arcaico, recorro especialmente as experiências de excesso relatadas por uma de minhas pacientes durante o estágio na Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) da UFRJ que se direcionavam na busca por um limite, destacado por uma experiência de fugacidade em prol de uma saciedade que pouco suscitava o desejo inconsciente, mas que revelava ser de outra ordem, como verifica-se na seguinte vinheta:

M. falou querer ter um ‘novo olhar’ ao ver pessoas na rua vendendo bebidas, que gostaria que aquilo não fosse um gatilho para que ela considerasse a possibilidade de beber (...): “o problema é que quando eu começo não consigo parar e exagero”. Ao mesmo tempo M. afirmava que: “é com a bebida que eu posso me relacionar com as pessoas sem ser tão descrente e sem ter receio de mostrar a minha sensibilidade”.

A partir disso e das orientações advindas da supervisão, minha escuta tomou a forma de um *sentir com*, fazendo companhia para o que surgisse, ao mesmo tempo que convocava a uma posição subjetiva não submetida ao imperativo categórico do supereu, uma escuta comprometida no apoio do abandono da “fixidez em torno do objeto real” (QUINTELLA, 2018) a fim de possibilitar uma mobilidade libidinal. Uma vez que, segundo Freud (2010g), os limites da conquista analítica são caracterizados pela falta de mobilidade da libido ao relutar abandonar seus objetos e alguma fixidez no narcisismo dificultando a transferência de um quantum de energia libidinal narcísica para a libido objetal.

Para Quintella (2018), cabe à posição ética do analista relançar o sujeito à metonímia do desejo, para além dos imperativos de gozo do supereu. Isso pode se dar a partir da construção de um dispositivo que possa oferecer um convite para a atividade do falar sobre o que até então só é possível ser atuado como impulsos, fixado como um disco arranhado que impossibilita o tocar da melodia e da música. Um convite que propicie abrir caminhos para que o sujeito possa se apropriar da sua fala em detrimento de comportamentos fomentados pela compulsão à repetição.

Não é nossa função [do analista] cavar a falta. Porque cavar a falta é o que faz a própria estrutura. A falta está na estrutura, não se há que cavá-la. Qual é a nossa função? É promover a passagem da opção alienante do ‘eu não penso’ ao ‘eu não sou’. E, portanto, produzir necessariamente uma perda de gozo (RABINOVICH, 2004 apud QUINTELLA, 2018, p.159).

Deste modo, fui cada vez mais sintonizando o exercício entre a dialética e o acolhimento possibilitando o surgimento de novas posições subjetivas como revelada nesta outra vinheta:

M. me relatou que se sentia como um caramujo e perguntei sobre quais seriam as características desse caramujo, M. respondeu: “algo que está numa casca”, “que não é tão aparente”, “o que aparece é o casco, a proteção”, “a natureza dele é ficar na casca, mas ele gostaria de sair da casca”, “que a bebida dá essa coragem de sair da casca”, “de uns tempos pra cá a minha criatividade tem aparecido, até escrevi um texto, que nunca tinha escrito, uma comédia como dessa vez”.

Por fim, em virtude do que foi exposto, sugiro ressaltar a importância das pesquisas sobre este relevante conceito metapsicológico para psicanálise e sua clínica,

uma vez que, como ressaltado pelo próprio Freud no parágrafo final de *A Dissecção da Personalidade Psíquica*, de 1933, seria facilitando um refinamento de sua organização e ampliando o campo perceptivo do supereu - quem sabe, pelo princípio do prazer, o “guardião da vida” - que se torna possível um fortalecimento do eu pela conquista gradual do id, promovendo um rearranjo do aparato psíquico condizente com um digno fazer analítico que pode ser comparado a uma obra cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPOS, S. **Supereu/Uerepus: das origens aos seus destinos**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.

COELHO DOS SANTOS, T. **A pulsão é pulsão de morte?** Rio de Janeiro: SPID, 1991.

DOSTOIEVSKI, F. **Crime e castigo**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. v.II, p. 158.

FREUD, S. Formulações Sobre os dois Princípios do Funcionamento Psíquico. In: **Obras Completas: S. Freud. Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranóia Relatado em Autobiografia (“O Caso Schreber”), Artigos sobre Técnica e Outros Textos (1911-1913)**. Tradução de Paulo Cesar Lima de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010a. v. 10.

FREUD, S. Recordar, Repetir e Elaborar. In: **Obras Completas: S. Freud. Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranóia Relatado em Autobiografia (“O Caso Schreber”), Artigos sobre Técnica e Outros Textos (1911-1913)**. Tradução de Paulo Cesar Lima de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010b. v. 10.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: **Obras completas: S. Freud. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo Cesar Lima de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010c. v. 12.

FREUD, S. Os instintos e seus destinos. In: **Obras completas: S. Freud. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo Cesar Lima de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010d. v. 12.

FREUD, S. A Repressão. In: **Obras completas: S. Freud. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo Cesar Lima de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010e. v. 12.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: **Obras completas: S. Freud. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010f. v. 12.

FREUD, S. A terapia analítica. In: **Obras completas: S. Freud. Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010g. v. 13.

FREUD, S. Além do princípio do Prazer. In: **Obras completas: S. Freud. História de uma neurose infantil ("O Homem dos Lobos"), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010h. v. 14.

FREUD, Sigmund. A Dissecção da Personalidade Psíquica. In: **Obras completas: S. Freud. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010i. v. 18.

FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização. In: **Obras completas: S. Freud. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010j. v. 18.

FREUD, S. O Eu e o Id. In: **Obras completas: S. Freud. O Eu e o Id, estudo autobiográfico e outros textos**. São Paulo: Cia das letras, 2011a. v.16.

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: **Obras completas: S. Freud. O Eu e o Id, estudo autobiográfico e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Cia das letras, 2011b. v. 16.

FREUD, S. Os caminhos da formação de sintomas. In: **Obras completas: S. Freud. Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917)**. São Paulo: Cia das letras, 2014. v. 13.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MARTELLO, A. **Sobre o Narcisismo: uma Introdução (1914)**. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Ensino à distância). 2001. Disponível em: <http://www.isepol.com/pdf/SOBRE%20O%20NARCISISMO.pdf>. Acessado em: 18 de jan. 2021.

NASIO, J. D. **Lições sobre os setes conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

OLIVEIRA, F. L. G. **Pulsões e seus destinos (1915)**. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Ensino à distância). 2001. Disponível em: <http://www.isepol.com/pdf/pulsoes-e-seus-destinos.pdf> . Acessado em 28 de set 2021.

QUINTELLA, R. R. **O supereu canibal: compulsão, impulsão e o desmentido da privação na atualidade**. Curitiba: Appris, 2018.